

## Entrevista

# Jeovânia P.

### Entrevistador

Leandro Rodrigues Nascimento da Silva

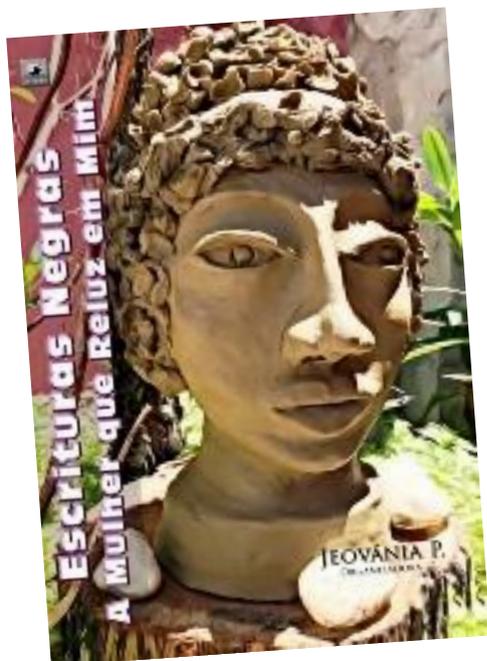
### Revisora do texto

Valeria Rosito Ferreira

O texto a seguir é uma entrevista com a escritora Jeovânia P., organizadora das coletâneas *Escrituras Negras: A Mulher que Reluz em Mim*; e *Escrituras Negras II: As Marcas*. Nossa entrevistada também poeta, escritora professora e mestre em Filosofia. Jeovânia P. já escreveu diversas obras, das quais podemos citar *Palavras Poéticas*; *Poeticamente Entre Versos & Bocas*; *A-M-O-R*; *Quem Abriu a Boca da Pedra*; *Re[s][x]istência*; e *Na Estrada da Poesia*. Para além das coletâneas já aqui citadas que Jeovânia P. organizou, também podemos citar as duas outras coletâneas intituladas *O Livro das Marias* e *O Livro das Marias II*.



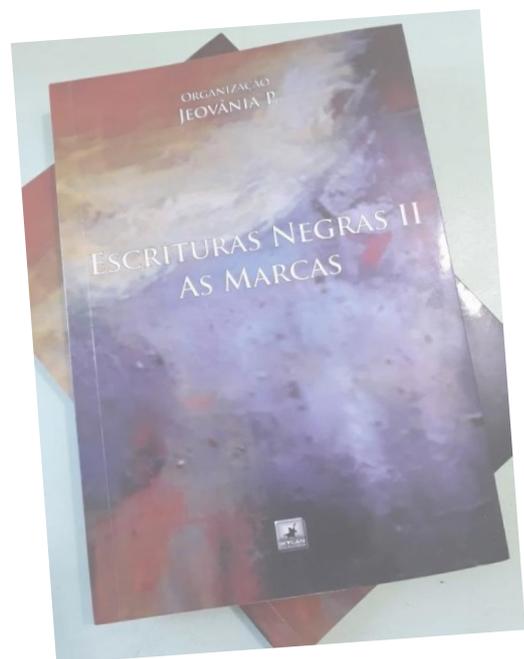
**Leandro R. N. S.:** Você recentemente organizou um livro intitulado “*Escrituras Negras: A mulher que reluz em mim*”, e eu gostaria de saber do que essa antologia, trata e qual é o objetivo da obra?



**Jeovânia P.:** A coletânea *Escrituras Negras* é uma coletânea que busca reunir mulheres pretas que estão escrevendo, e que precisam construir um espaço como esse para poderem se unir e mostrar o seu trabalho. O primeiro volume dessa coletânea foi a *Escrituras Negras: A mulher que reluz em mim*, o tema da obra era esse: A mulher que reluz em mim, e buscava mostrar o que que tem na mulher negra que está aí na rua, essa mulher negra que está no meio do povo, o que é que existe na pele dela, o que é que transborda dela...

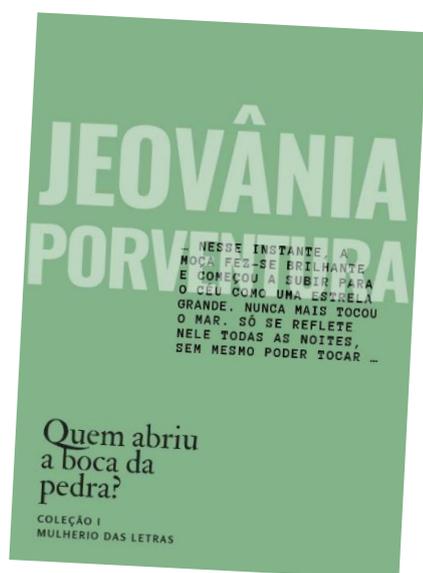
então foi uma obra riquíssima, belíssima que é composta por contos, crônicas e poesias, nela há uma diversidade não só de gênero, mas também de pessoas, de visões, porque a gente tem mulheres de todas as regiões do país, algumas mulheres de fora – pelo menos nessa segunda coletânea, porque já são duas – uma mulher angolana, e temos uma brasileira que mora em Berlim. Portanto, nós temos tanto mulheres do Norte do país como do Sudeste, do Nordeste, do Centro-Oeste. A gente tem essa diversidade na percepção do mundo e nas vivências dessas pessoas pela própria localidade em que elas estão inseridas. *As Escrituras Negras II: As Marcas* aborda as marcas que estão em nós e que são essas marcas que a vida impregna na gente.

São marcas físicas, marcas psicológicas, emocionais ou então essa marca que a gente carrega que é invisível, mas que é a cor da nossa própria pele que só por nós sermos pretos, quando a gente chega em um local, estamos ali marcados. Ou seja, todo mundo olha, todo mundo vê aquela marca por mais que a gente esteja nu e não tenha nada no nosso corpo além do nosso próprio corpo. Existe uma marca ali que coloca o negro dentro de uma condição cujo olhar para o negro é sempre diferente. Um olhar para o corpo da mulher negra que é sempre diferente. Como se ainda não se tivesse esse conceito de que o ser humano é igual. Isso gera em nós um sentimento de impotência, incapacidade que o racionalismo já trouxe como um erro, mas que parece que até hoje a gente permanece inferiorizado, essa marca ainda traz isso. Assim, as *Escrituras Negras II: As Marcas* abarca as ideias dessas marcas que estão aí visíveis na nossa pele, as marcas que ficaram das coisas que marcaram a gente, na nossa vida, das agressões que deixam marcas e impressões no nosso corpo.



**Leandro R. N. S.:** Aos dezoito anos de idade você queria publicar o seu primeiro livro, porém, de acordo com você em uma mesa-redonda, arquivada no canal da Revista África e Africanidades no YouTube, e disponível ao público com o título de *Escrituras Negras: A Mulher que Reluz em Mim*, você encontrou dificuldades por não haver espaço para que tal desejo se realizasse. A que você atribui essa falta de espaço?

**Jeovânia P.:** Eu atribuo essa falta de espaço à falta de política pública cultural. De modo geral nós não temos uma... a gente não vive dentro de uma sociedade



que tenha uma política pública cultural bem definida para que dê suporte aos artistas quando dentro desse processo ainda tem uma questão que é: se não existe política pública para o artista de modo geral, muito menos existirá para o artista negro. Porque é como eu disse anteriormente, a ideia de igualdade que já vem sendo colocada na sociedade desde a origem do Modernismo, ainda não se realiza para nós, pessoas negras. Então isso é bastante complicado. E quando a gente vai pensar a literatura, nós devemos pensar em três problemáticas: a gente tem a falta de políticas

públicas culturais; temos a questão da falta de políticas públicas culturais voltadas para a cultura afro-brasileira; e nós temos um país em que não existe a cultura de ler. Então parece que estamos em um buraco. Ficamos ali tentando sair, não tem como sair porque ou você consegue pegar naquele buraco e construir uma escada, com a própria terra que tá naquele buraco até a gente sair, ou então a gente não sai, isso literalmente. Ou você constrói com seus próprios esforços, ou então você não se realiza dentro da literatura brasileira. Porque a gente tem que publicar, mas para publicar tem que tirar do nosso próprio bolso, e se eu não tenho condições econômicas de tirar do próprio bolso, o resultado é que algumas pessoas saberão que eu escrevo mas não irão ler, e não vou conseguir me definir enquanto escritora dentro da sociedade. É só a partir do momento em que a gente está com o livro impresso é que as pessoas olham pra gente e diz: ai, fulaninho é escritora. Por mais que você já escreva há muitos anos, o livro físico, o livro de um modo geral ela é o que regulamenta, é o *status* da pessoa, do escritor. Mas é a falta de estrutura que impede a gente de conseguir realizar isso. Quando a gente pega uma Lei, como no Brasil, que você aprova o patrocínio de um livro, mas que pra isso você tem que ir atrás das empresas para elas patrocinarem, elas não têm interesse em patrocinar livro,

muito menos de poesia. Se for um livro de fotografia já é mais fácil, um show é mais fácil, um espetáculo é mais fácil. Isso porque o processo de divulgação é mais fácil, mas a leitura... como não temos uma sociedade em que as pessoas são educadas para ler, porque que uma empresa vai se preocupar em patrocinar um livro de poesia se ela não está ficando em evidência? Porque cadê os leitores para poder ler? Tal empresa pode patrocinar o livro de fulaninha, mas quais são os leitores que estão lendo o livro de fulaninha? As empresas não possuem interesse porque a gente não tem uma cultura de leitura. Então são muitas problemáticas envolvidas.



Foto: Arquivo pessoal da escritora

**Leandro R. N. S.:** Qual é o seu projeto literário enquanto escritora?

**Jeovânia P.:** Ora, eu quero estudar, aprender a cada dia mais a como brincar com as palavras. Eu acho que eu penso que a literatura é uma forma que a gente tem de brincar com as palavras, e eu adoro brincar. Eu estou com 43 anos de idade, mas as minhas sobrinhas e primas com 9, 6, 7 anos de idade estão no mesmo nível que eu de brincadeira porque a gente bagunça. Então eu adoro brincar. Eu acho que a poesia, a literatura é uma forma da gente se manter eternamente criança porque a gente nunca para de brincar. Só que você deixa de brincar com uma bola, com uma boneca para brincar com a palavra e pegar a bola, a boneca, as letras, o próprio formato de uma boneca e brincar com as

palavras fazendo um poema, no formato até mesmo de uma bola. E deixar a sua criança interior se fazer presente. Então eu sempre espero estar sempre aprendendo a usar as palavras para brincar melhor com elas. E pretendo continuar lutando como escritora, me estabelecendo como tal, lutando pela visibilidade, pela valorização da literatura feminina, da literatura feminina negra e permanecer nessa luta junto com as nossas mulheres pretas para que as pessoas percebam o quanto a gente tem pra dizer e o quanto é potente a literatura que vem da mulher negra.

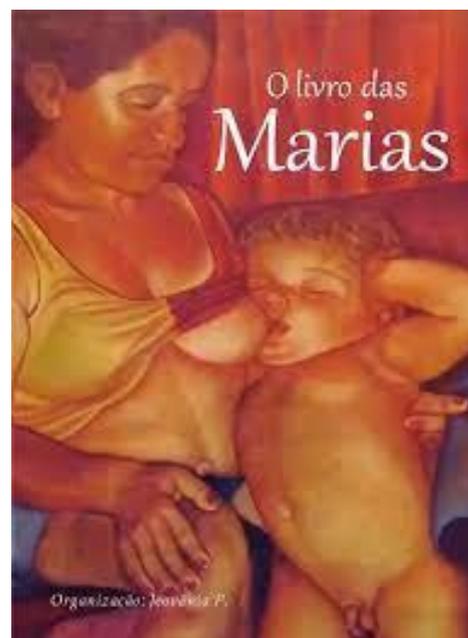
**Leandro R. N. S.:** Na sua opinião, a literatura também pode ser utilizada como um instrumento político?

**Jeovânia P.:** O livro é sempre uma arma! Eu vejo as *Escrituras Negras*, por exemplo, como um livro porque esteticamente é um livro, mas ele ultrapassa a ideia de um livro porque ele é uma arma em mãos em prol dessa revolução que busca a valorização da literatura feminina negra. É uma arma que entra na mente do homem e não entra como uma bala de revólver, que entra na cabeça do cabra e mata ele não. O livro entra na cabeça do homem e faz com que ele se desenvolva intelectualmente. Então a literatura é um instrumento de transformação. É uma arma que precisamos nos apoderar dela para que possamos crescer, ter consciência dos nossos direitos, dos nossos deveres, e para que possamos usar, ter poder assim como disse Francis Bacon: “O conhecimento é poder!”. nos apoderarmos do poder do conhecimento para podermos lutar por nós mesmos dentro da sociedade. O livro é essa arma que nos confere poder.

**Leandro R. N. S.:** Jeovânia, como você bem disse, o Brasil é um país que ainda possui um público leitor de textos ficcionais muito pequeno, como você avalia essa situação no que tange a leitura de autores negros?



**Jeovânia P.:** Como eu disse anteriormente, o Brasil é um país que não tem a cultura de ler. Tem isso mas também tem o fato de que a Educação brasileira não está preocupada em educar as pessoas. A Educação brasileira está preocupada em ter estatísticas dizendo que tem não sei quantos por cento de pessoas que estão alfabetizadas, quer dizer, que conseguem assinar o seu nome. Quer dizer que eles estão preocupados com números, com quantos assinam os seus nomes e não se foram educados de fato. Quantos homens, quantas pessoas são realmente seres pensantes dentro da sociedade. Diante disso, é muito natural que a nossa cultura não tenha o hábito de ler. Em um país que não se preocupa em educar, que não existe uma cultura de ler, que é racista, um país que se construiu com base na escravidão, machista, com essa base de uma não preocupação com o crescimento do país é um resultado muito histórico dessa coisa de sermos uma colônia de exploração e não uma colônia como foram os Estados Unidos foi para ser povoado, para se construir um país. Por aqui foi diferente, vieram para cá explorar as riquezas que tinha. Na verdade, a gente permanece em uma situação muito parecida. Fomos colônia de exploração e continuamos sendo. Continua não havendo uma preocupação com o crescimento da nação. Não existe uma preocupação com o povo, e isso reflete sim na leitura, e na produção de escritores e de escritoras negros. Se a nação, se o governo não tá preocupados com a construção do desenvolvimento da nação, então não existe a preocupação com a educação, com a leitura. Se vivemos numa sociedade racista e machista, como é que vamos introduzir livros de pessoas negras dentro da escola? Isso é algo que nós temos que lutar, é uma luta que tem de ser tomada por nós, porque só a partir do conhecimento, do empoderamento de si mesmo é que podemos correr atrás. Isso não quer dizer



que será fácil não, mas se nós não fizermos essa luta, permaneceremos no silêncio, um silêncio que precisa ser quebrado. Porque o negro foi silenciado no nosso país desde sempre. Sempre como aquele que não tem voz. Por um tempo, com a ideia até de que a gente não tinha alma, como se a gente fosse animal. A gente precisa mostrar pro mundo, pra sociedade que a gente sente, a gente pensa, a gente produz e chegar o nosso trabalho para as pessoas, é uma coisa que só ocorrerá se a gente lutar por isso. Essa luta é árdua, mas precisamos nos reunir para realizá-la.

**Leandro R. N. S.:** Voltando ao assunto das coletâneas organizadas por você – me refiro em especial às *Escrituras Negras I e II* – qual foi a metodologia utilizada para reunir todas essas escritoras que vêm de várias partes do Brasil e até, como você disse, de fora dele, caso de Berlim e Angola?

**Jeovânia P.:** Eu utilizei as redes sociais, principalmente do Facebook. Depois também utilizei o Instagram. Participo do *Mulherio das letras* e estou em vários mulherios, em várias páginas do Mulherio, o Nacional, o de João Pessoa, o de São Paulo, o da Bahia, o das Latino-Americanas... estou em vários, aí o mulherios é um espaço muito bom para conhecermos outras mulheres, está sendo um espaço de grande construção para se mostrar o que que as mulheres andam produzindo em nosso país. Eu organizo duas coletâneas que é *O Livros das Marias*, que tem um recorte de gênero, uma coletânea de contos e poesias que sempre entram mulheres de todos os lugares, e também o que eu já falei, me refiro às *Escrituras Negras* e que tem um recorte de etnia e gênero porque é

## AMOR-MAR

Sou como horizonte  
Quanto mais se chega perto  
Mais longe fica

Os olhos querem alcançar  
Mas a vida nega a preta  
Ser tocada com a profundidade do mar

Amor-mar  
No horizonte negro  
Só usa as pernas pra nadar  
Se desmancha na beira na praia feito  
onda  
E sai

Navegar  
Construir um barco  
E nessas águas negras morar  
Não há quem o faça  
Nem o sol nem a lua  
Permanecem  
Todo dia eles se vão  
Assim como os homens

P, Jeovânia. Amor-Mar. In: **Mulheres das Águas**. Revista África e Africanidades. Vol. XIV m. 38 Maio. 2021. Disponível em:  
<[https://africaeaficanidades.online/documentos/Mulheres\\_das\\_Aguas.pdf#page=1](https://africaeaficanidades.online/documentos/Mulheres_das_Aguas.pdf#page=1)>

algo para as mulheres negras. Quando digo “mulheres” eu estou falando de mulheres cis e mulheres transexuais nas duas coletâneas. A diferença das



*Escrituras Negras para O Livro das Marias* em relação a gêneros literários é que a primeira abarca três gêneros diferentes – contos, crônicas e poesias – e o segundo abarca dois – contos e poesias – eu mando os convites chamando o pessoal, passo o regulamento, apresento nas redes e voou descobrindo um universo de mulheres. Venho descobrindo muitas mulheres escrevendo coisas maravilhosas Brasil afora e fora do país também.

**Leandro R. N. S.:** Já que são muitas as escritoras dessas coletâneas, você saberia nos dizer qual é o perfil social dessas mulheres poetisas, cronistas, contistas?

**Jeovânia P.:** Eu observo que existem dois tipos de mulheres. Um tipo é o daquelas mulheres que já escrevem e que muitas delas já possuem os seus livros publicados, porém gostam de publicar em coletâneas também. Algumas andam dando muita importância às coletâneas por elas conseguirem chegar em muitas partes do país, porque são mulheres de todas as partes do Brasil, que moram fora do Brasil ou são mesmo de outros países e aí o livro vai para muitos lugares, e isso faz com que a sua obra acabe sendo conhecida por bem mais gente do que se você publica apenas na sua cidade, que vai abarcar só as pessoas dali. Na coletânea a gente tem um território maior. Então a gente tem essas mulheres que já publicam, é um perfil de mulher, e o outro perfil é o das mulheres que já escreviam, mas que nunca tinham publicado e que estão criando coragem para tirar das gavetas os seus trabalhos e publicarem pela primeira vez.

Nas *Escrituras Negras* eu encontro um indicie maior de mulheres que estão publicando pela primeira vez. As *Escrituras Negras I* teve várias mulheres que estavam publicando pela primeira vez. A gente sempre tem mulheres que é a primeira vez que está indo publicar, então para mim, são perfis de mulheres que estão se descobrindo enquanto escritoras, estão se empoderando da sua escrita e mostrando ela para o mundo a partir do momento em que você tira ela da gaveta e você publica ela... e outra forma de perfil que a gente pode falar dessas mulheres, pelo menos no que tange os seus escritos, grande parte das mulheres são periféricas. N' *O Livro das Marias* uma parte sim outra parte não. Isso também é um perfil, é uma análise de um perfil de mulheres que estão escrevendo nessas coletâneas.

**Leandro R. N. S.:** A política cultural do governo de Jair Messias Bolsonaro auxilia ou dificulta, na sua opinião, a luta antirracista por meio da arte?

**Jeovânia P.:** A gente poderia achar que a Lei Aldir Blanc é uma política cultural do governo Bolsonaro, mas não é. Na verdade ela é uma lei que surgiu para se tentar amenizar a problemática da pandemia, mas que não é que o governo Bolsonaro parou para pensar uma política cultural para suprir a necessidade da demanda dos artistas do nosso país...não! Pelo contrário, quando o governo Bolsonaro começou, a primeira coisa que ele fez foi acabar com o Ministério da Cultura. Um governo racista e que veste a camisa, e grita feliz, contente que é racista, que se sente superior ao negro. É um governo que tem um gestor racista, que faz o que ele [Bolsonaro] faz... é só para mostrar a felicidade que ele tem em menosprezar um negro. Ações para menosprezar os homossexuais, o povo brasileiro. Jamais um governo desse pode vir a ter uma política cultural pública que supra as necessidades dos escritores e dos artistas negros. Ele [Bolsonaro] não tem interesse nisso. O interesse dele é que a gente seja consumido por ele

JEOVÂNIA P. NAS  
REDES



<https://www.instagram.com/jeovania.pinheiro/>

<https://www.facebook.com/jeovania.pinheiro>

<https://escriturasnegras.blogspot.com/>

com certeza. Se todos os artistas negros morressem de COVID-19, ainda era capaz dele fazer uma festa bem grande e chamar as emissoras de TV para mostrar o que ele estava fazendo em nosso país.

**Leandro R. N. S.:** O que há em você que hoje pode reluzir em outras mulheres negras? Em outras palavras, o que você transmite que pode ajudar outras tantas escritoras como você?

**Jeovânia P.:** Luta! Esse desejo de lutar pela valorização pelo nosso trabalho, da nossa escrita. Eu acho que isso não é só o que pode, mas é o que vem reluzindo, porque a partir do momento em que as meninas começam a se unir a mim nessas coletâneas cria-se uma rede de luta que promove *lives* em que estamos discutindo, pensando a condição da mulher negra principalmente, e é a partir do momento que a gente vai se unindo, a gente vai reforçando essa luta. Ao mesmo tempo que luto vou reluzindo esse desejo de nos tornarmos fortes, visíveis para a sociedade.

**Leandro R. N. S.:** É possível e necessário se fazer uma literatura engajada, militante nos tempos atuais?

**Jeovânia P.:** Será que é preciso se fazer uma literatura militante? Penso que devemos ter muito cuidado com isso porque precisamos militar em prol da arte, da literatura feminina, da literatura feminina negra...mas a gente precisa ter cuidado em não produzir uma literatura que possa ser minimizada ou reduzida a uma panfletagem. Portanto, precisamos construir um movimento, mas na construção desse movimento precisamos mostrar que nossa produção vai além, que não estamos apenas panfletando. Devemos mostrar que podemos discutir sobre tudo e qualquer coisa, que a gente pode escrever poesias, contos eróticos, falar de amor, liberdade, escravidão, política...qualquer coisa. Militar? Sim! mas não reduzir a literatura a panfletagem. Isso é delicado, porque às vezes as pessoas querem fechar um escritor dentro de uma ideia, dizer que tal autor só escreve sobre tal tema. É como dizer que só porque é negro vai escrever só uma

literatura panfletária e a gente tem que mostrar que estamos sim no movimento, mas fazer com que as pessoas vejam e respeitem o nosso trabalho e percebam que somos capazes de falar de qualquer coisa. Podemos até panfletar dentro da nossa literatura, mas ela não se resume a panfletagem.

**Leandro R. N. S.:** Para você, então, o que é ser militante?

**Jeovânia P.:** Para mim, ser militante é lutar constantemente com as armas que a gente tem em prol daquilo que acreditamos que precisamos lutar. Para mim, ser militante não necessariamente precisa que se esteja dentro de um partido político. Você não precisa estar dentro de uma instituição. Porém, você precisa lutar por aquilo que a sua consciência lhe ordena.

**Leandro R. N. S.:** Qual é o caminho mais fácil para se conseguir publicar no Brasil e gastar pouco?

**Jeovânia P.:** O caminho mais fácil eu penso que seja a coletânea, porque a gente divide os gastos da edição do livro com o livro. Outro caminho é publicar em e-book, e aí podemos distribuí-los de forma gratuita na internet, podendo fazer isso com ou sem ISBN. Também podemos publicar em alguns sites, tem no Google, que existem editoras que se dispõe a publicar os e-books e você

depois pode comprar o livro físico. Mas você também pode publicar na Amazon só o e-book, sem precisar ter que pagar por isso. Bom, existe alguns mecanismos, precisamos saber ao certo o que queremos. Tem muita gente que faz o e-book porque é uma forma prática de se publicar. O blog é uma outra alternativa. Tem gente que querará um livro, o livro físico. Então, para isso,



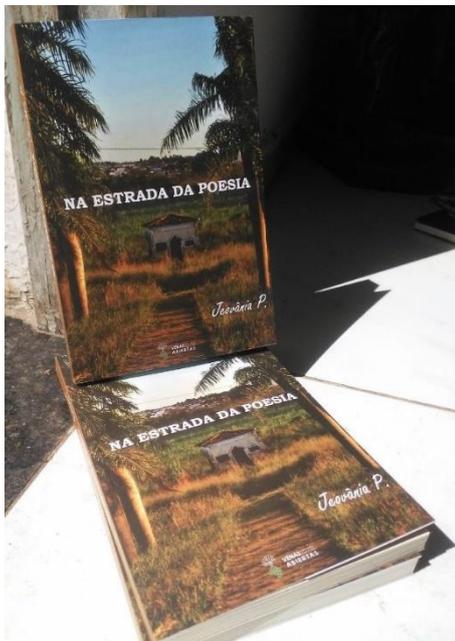
querer o livro físico, você vai encontrar algumas editoras que fazem uma quantidade menor, você pode colocar em editais...mas as coisas mais fáceis e baratas é publicar em coletâneas ou e-books online. Alguns e-books você consegue produzir sem gasto se não tiver ISBN. Assim, você mesmo pode produzir o seu livro.

**Leandro R. N. S.:** Se você pudesse fazer três pedidos para o Brasil atual e eles se realizassem, quais seriam?

**Jeovânia P.:** Eu queria que nosso país tivesse uma educação que de fato educasse. Porque é a partir disso que tudo se transforma. A partir disso teríamos mais leitores, teríamos menos governos como o governo de Jair Messias Bolsonaro regendo o nosso povo, porque a educação é a base. Não tenho três pedidos, basta um. Esse este que fiz. Se o povo tivesse educação poderíamos construir uma grande revolução. Poderíamos ter terra e comida pro povo sem precisar brigar.

**Leandro R. N. S.:** Você acredita numa “predisposição para escrever”, e eu gostaria de compreender se você concebe a escrita como um dom, um talento que vem de berço ou ela pode ser entendida como um aprendizado?

**Jeovânia P.:** Olha, eu tenho um poema bem curtinho que diz assim: Um artista/ uma artista/ não se faz/ não se cria/ ele vem do ventre com alma de artista. Este poema diz tudo. Acredito que cada ser humano tem um talento ou potencialidades que se destacam. Todo mundo pode fazer um monte de coisa, mas cada pessoa tem algo de destaque, tem uma afinidade com algo. Eu sou a coisa mais troncha com as mãos, com elas eu só sei escrever, mas não me mande fazer nem uma linha reta que não consigo não. Eu não sei, não tenho uma predisposição para o trabalho manual. Tem gente que tem e faz coisas



maravilhosas. Uma vez estive em São Luís do Maranhão na casa de uma senhorinha. Ela estava fazendo uma bolsa com palha de coqueiro que eu passei a tarde toda olhando aquela senhora fazendo aquilo. Uma sensibilidade que eu não teria. Minhas mãos só servem mesmo para escrever. Acredito sim que temos predisposição para as coisas, entretanto, se você não pratica essa predisposição ela vai enferrujar. É como um carro em desuso, vai enferrujar. A poesia não é só inspiração, também é predisposição. Junto dessa predisposição a gente tem a responsabilidade de aprimorar isso. Eu defendo a ideia de que 70% é

transpiração e 30% inspiração. Se eu não buscar conhecer literatura, eu não vou crescer na minha área, e eu quero crescer. Os grandes escritores fizeram isso. Eles trilharam um caminho e deu certo, eu vou seguir o mesmo que deve dar certo.

**Leandro R. N. S.:** Para finalizarmos a nossa entrevista, qual é a sua maior preocupação com a literatura brasileira hoje?

**Jeovánia P.:** Minha maior preocupação com a literatura hoje é que ela chega nos estudantes, principalmente os da escola pública, de maioria negra. Isso é bom porque eles se identificam e veem que existem personagens como eles. Que eles vejam nos autores semelhanças. Isso transforma os estudantes. A gente com isso consegue adentrar na cabeça, no pensamento e conseguir mudar a realidade dos nossos jovens.